

Bimestral • Ano do Senhor 2015

O FIEL CATÓLICO

Catequese :: Apologética :: Doutrina :: Teologia :: Filosofia

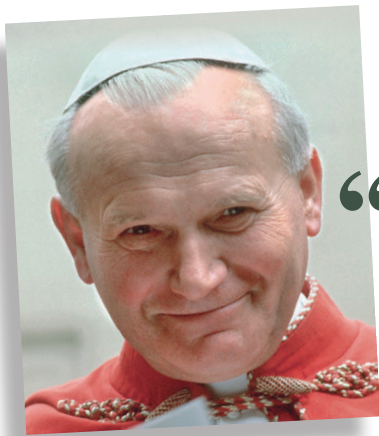


8

HISTÓRIA DA IGREJA | O PAPADO | ECUMENISMO | PROFANAÇÃO DA FÉ



Par. Nossa
Senhora
do Brasil



“*A liberdade consiste não em fazer o que gostamos, mas em poder fazer o que devemos. E não há mal a ser enfrentado que Cristo não enfrente conosco. Não há inimigo que Cristo ainda não tenha conquistado; não há cruz que Cristo não tenha suportado por nós, e que não suporte agora, conosco...*”

São João Paulo II

EDITORIAL

À medida em que avança em sua jornada de fé, construindo uma base firme em Cristo, ajudando outros católicos e fazendo de si mesmo o melhor católico possível, você vai achar necessário eliminar certos espinhos que teimam em crescer no seu caminho e ameaçam sufocar o seu progresso espiritual. Todos nós temos nossos conjuntos próprios de pecados, fraquezas, maus hábitos, tentações nas quais sempre recaímos... São como agudos espinhos, que só podem ser eliminados com a Graça de Deus e nossa diligência, persistência e disciplina. Na Parábola do Semeador (Mc 4,1-20), Jesus compara a humanidade a um campo fértil, e o Evangelho às sementes: uns ignoram a Mensagem, outros ficam entusiasmados de início, mas logo sua fé “seca”. Outros têm a fé, mas é sufocada justamente por esses espinhos, que são as tentações do mundo.

Algumas sementes, porém, caem em terra boa e dão muitos frutos. Para crescer em santidade, a alma precisa de um bom solo e de raízes firmes, e a melhor maneira de os adquirir é através da assistência frequente à Santa Missa, da participação contínua nos Sacramentos, da oração regular... E também do interesse em aprender cada vez mais sobre as coisas da fé, – que pressupõe o estudo mais e mais aprofundado das coisas santas, porque “só se ama o que se conhece”. – Por essa razão é que trabalhamos, com muita humildade, na esperança de que nossos esforços possam ser úteis no seu processo de crescimento na fé e na construção de sua sólida base em Cristo. Reze por este trabalho, pedimos, e tenha uma abençoada leitura!

expediente fiel



A revista “O Fiel Católico” é uma publicação da Paróquia Nossa Senhora do Brasil. Parte da distribuição é gratuita. “Fiel Católico” é um apostolado da Igreja Católica Apostólica Romana sediado na cidade de São Paulo (SP), que tem por missão a evangelização e o esclarecimento da fé a partir da catequese.

Colabore com este trabalho e receba as novas edições de “O Fiel Católico” em sua residência. Informações: (11) 3082-97869 (tarde) / 3569-1292 / 9-4966-5406
ofielcatolico@gmail.com – www.ofielcatolico.com.br

Direção geral: Pe. Michelino Roberto • Editoração, diagramação, arte e projeto gráfico: Henrique Sebastião
• Tratamento de imagem: Henrique Sebastião • Textos desta edição: Pe. Paulo R. de Azevedo Jr.; Dom Henrique Soares da Costa; Dom Antonio Rossi C. Keller; Henrique Sebastião • Copydesk, revisão de texto e revisão geral: Silvana Sebastião • Impressão: Paulo Gomes artes gráficas (11-7733-6247)
• Capa desta edição: Juan Fernandez Navarrete (1526-1579), “Batismo de Cristo”



O PENSAMENTO VIVO DE SÃO FRANCISCO DE SALES

- Em seus escritos

"Não tremas diante das mãos supresas e reveses desta vida; antes disso, encara-as com a firme esperança de que, ao surgirem, Deus, – de quem és filho, – delas te livrará."

"Só confia n'Ele, e Ele continuará te conduzindo seguramente através de tudo. Onde não puder caminhar, Ele te carregará nos braços."

"Não te preocupa com o que pode acontecer amanhã; o mesmo Pai eterno que cuida de ti, hoje, se encarregará de ti amanhã e todos os dias. Ou Ele te protegerá do sofrimento ou te dará a força infalível para suportá-lo."

"Estejas em paz, pois, e afasta todos os pensamentos de angústia."

"Anima-te e transforma os problemas em matéria para teu progresso e maturidade."

"Pensa muitas vezes em Nosso Senhor, pois Ele ajudará a suportar os problemas. Todos eles serão incapazes de te abalar, apenas lembrando-te de que tens um tão grande Amigo!"

"Faze tudo com calma e em paz. Realiza quanto puder, tão bem quanto fores capaz"

"Procura ver Deus em todas as coisas, sem exceção, e dispõe-te a fazer a vontade d'Ele com alegria. Faze tudo para Deus, unindo-te com Ele por palavras e obras."

"Avança muito simplesmente com a Cruz de Nosso Senhor e tenhas paz contigo mesmo. Enquanto a tua confiança se fixar em Deus, passarás por cada tempestade com segurança."

"Não percas a tua paz interior por nada, nem se todo o teu mundo parece vir abaixo. Se te dás conta de que te afastaste da proteção de Deus, conduz o teu coração de volta para Ele, tranquila e simplesmente."

"Faze todas as coisas em Nome de Deus, e farás tudo bem. Se comer ou beber, trabalhar ou descansar, ganharás muito aos olhos de Deus, ao fazer todas essas coisas como Deus quer que se faça."

"Aconteça o que acontecer, não desanima; segura-te firmemente em Deus, mantém-te em paz, com confiança no seu Amor eterno por ti."



ORIGEM E HISTÓRIA DO PAPADO

Sabemos que o Papa é o supremo representante da autoridade da Igreja, para ensinar e zelar pela guarda da verdadeira doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo. Mas de onde vem tão grande e importante autoridade? Como todo cristão deve saber, essa autoridade foi dada diretamente pelo Filho de Deus, num ato que ficou registrado de maneira bastante clara nos Evangelhos, para que ninguém tivesse dúvidas.

No Evangelho segundo S. Mateus, vemos que Pedro é o discípulo que primeiro compreende a Natureza divina de seu Mestre, e que tal entendimento lhe é dado como Dom de Deus, não é fruto de sua própria capacidade intelectual meramente humana. Em resposta, Jesus lhe dá um novo nome, junto com uma nova e importantíssima missão: Simão filho de Jonas se torna a Pedra ('Pedro' no português), sobre a qual será edificada a Igreja do Senhor neste mundo. E confirmando o que acabara de declarar, Jesus ainda entrega a este mesmo Pedro as Chaves do Reino dos Céus, e declara que tudo que ele ligar ou desligar na Terra será ligado ou desligado no Céu (Mt 16, 15ss). –

Mais claro do que isso, impossível. Jesus instituiu a sua Igreja, – que é uma e indivisível, – sobre Pedro, e lhe conferiu autoridade sobre esta Igreja.

Infelizmente, existem os que não compreendem (outros que não querem compreender) esta passagem tão essencial dos Evangelhos: chegam a dizer que Jesus não se referiu a Pedro como Pedra Fundamental, e sim a si mesmo, Jesus, que é chamado de “Pedra Angular” no Livro dos Atos dos Apóstolos (4, 11). A declaração do Senhor, porém, é tão direta e tão objetiva que é difícil entender como alguém poderia se confundir a seu respeito. Primeiro, Jesus chama Simão de “Pedro”, isto é, “Pedra”; – e ao mesmo tempo, na mesma frase, diz que sobre aquela Pedra edificaria a sua Igreja, e ainda concede a este, que chama “Pedra”, as Chaves do Reino dos Céus, dando-lhe autoridade para “ligar” ou “desligar” na Terra e no Céu! Do que mais precisamos para aceitar que Jesus concedeu autoridade a Pedro sobre sua Igreja?

É óbvio, também, que se Jesus estivesse dizendo que era Ele mesmo esta “Pedra”, diria simplesmente “Eu sou a Pedra”, assim como fez quando disse



“Eu sou a Porta”, “Eu sou o Bom Pastor”, “Eu sou a Ressurreição e a Vida”, etc. E, claro, não faria sentido nenhum concluir a sua declaração entregando a Pedro as Chaves do Reino dos Céus.

“E Simão, respondendo, disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’. E Jesus, respondendo, disse-lhe: ‘Bem-aventurado és tu, Simão filho de Jonas, porque não foi a carne e o sangue que te revelaram isto, mas meu Pai, que está nos Céus. Pois também eu te digo que tu és Pedro (Pedra), e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja: as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do Reino dos Céus; tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na Terra será desligado nos Céus.’” (Mateus 16, 15-19)

A autoridade de Pedro, o primeiro Papa, é representada pelas Chaves do Reino dos Céus, ou seja, o Cristo o autoriza a tomar as decisões doutrinárias da Igreja, que viria a se tornar Católica, isto é, Universal, de todos, e não só para o povo de Israel. De Pedro deveriam partir as decisões e orientações para todas as comunidades da Igreja primitiva, como vemos em At 16, 4-5: “Nas cidades pelas quais passavam, ensinavam que observassem as decisões que haviam sido tomadas pelos Apóstolos e anciãos em Jerusalém”.

Os Apóstolos foram os 12 discípulos que Jesus escolheu para transmitir sua Mensagem ao mundo. “Apóstolo” não é alguém que lê a Bíblia, interpreta ao seu modo e aluga um salão para chamar de “igreja”. Não! Os Apóstolos e os anciãos formaram o primeiro clero, foram os primeiros sacerdotes. Vemos nos Evangelhos (Mc 3,13-19, MT 10,1-4, Lc 6,12-16) que Jesus escolheu doze Apóstolos entre seus discípulos; os que não foram escolhidos permaneceram na condição de fiéis. A palavra “Papa”, significa “pai”, e alude à paternidade espiritual sobre a grande comunidade cristã na Terra. Temos o Pai Maior no Céu, que é Deus Criador e Todo-Poderoso, e um pai espiritual terreno, que nos foi designado pelo próprio Filho de Deus.

O termo “Papa” surgiu como um título carinhoso dado ao Bispo de Roma durante o crescimento da Igreja, ainda no tempo do Império Romano, e que

permanece até hoje. A palavra provém possivelmente do latim Papa, do grego πάππας, transliterado *Pappas*, (uma palavra carinhosa para pai).

O primeiro Papa já usava a sua autoridade sobre a Igreja. Por exemplo, em Atos dos Apóstolos vemos que alguns fariseus recém-convertidos ao cristianismo diziam que era necessário circuncidar os pagãos e lhes impor a Lei de Moisés antes de aceitá-los como cristãos. Começou uma grande discussão. Ficou acertado que Paulo, Barnabé e outros iriam resolver a questão com os Apóstolos e anciãos numa reunião em Jerusalém. Reuniram-se, e depois de uma grande discussão, a Bíblia diz que Pedro se levantou e falou a todos: “Irmãos, sabeis que já há muito tempo **Deus me escolheu dentre vós**, para que da minha boca os pagãos ouvissem a Palavra do Evangelho... (...) Por que provocais a Deus, impondo aos discípulos um jugo que nem nossos pais e nem nós mesmos podemos suportar? Nós cremos que pela Graça seremos salvos, exatamente como eles’. E toda a assembleia o ouviu silenciosamente” (At 15, 1-12).

É por isso que cristãos não circuncidam seus recém-nascidos: Pedro aboliu a circuncisão, com a autoridade que o próprio Cristo lhe deu.

O primeiro documento conhecido dado por um Papa é o de Clemente I, ainda do primeiro século, e trata da intervenção numa disputa em Corinto, Grécia. Já no século II, Santo Inácio, e algum tempo depois Santo Ireneu, enfatizaram a posição única do bispo de Roma. O papado é uma das instituições mais antigas e duradouras do mundo, e, sejamos católicos ou não, teremos que reconhecer que teve uma participação proeminente na história da humanidade. De S. Pedro até Francisco foram 267 Papas, numa sucessão apostólica direta, que nunca foi interrompida, por mais que muitos ditadores e inimigos da Igreja tenham lutado contra ela. A Profecia do Senhor nunca deixou de se cumprir: o Inferno não prevalece contra a Igreja edificada por Ele!

Fontes bibliográficas:

- CONGAR, Yves. Igreja e Papado. São Paulo: Loyola, 2007.
- HACKMANN, Geraldo L. Borges. A Amada Igreja de Jesus Cristo. São Paulo: EdIPUCRS, 1997.
- CARVAJAL, Francisco Fernandez. Falar com Deus, São Paulo: Quadrante, 1993 pp. 62.

A REVOLUÇÃO FRANCESA E A LUTA CONTRA A IGREJA



Antes de prosseguir com o estudo da História da Igreja é preciso entender que sempre existiram (como existem) ideologias interessadas na destruição da Igreja. Se olharmos para a própria historiografia “oficial” atual, facilmente constataremos o preconceito contra a Igreja, pensado e sistematicamente implantado por um grupo de intelectuais chamados “iluministas”, especialmente os franceses, nos séculos 18 e 19.

A Revolução Francesa se deu no ano de 1789. Não foi um fenômeno espontâneo, mas planejado e preparado, política e ideologicamente, por meio de formadores de opinião financiados por banqueiros, que desejavam a queda da monarquia vigente. Iniciou-se um

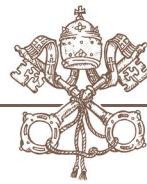
movimento ideológico com interesses bem próprios, que passaram a difundir mentiras contra a Igreja Católica, contra os jesuítas, contra o rei, contra a nobreza. Isto ajudou sobremaneira na formação de um pesado clima de insatisfação e revolta popular.

O fenômeno, assim iniciado, artificialmente, levou outros pensadores a embarcar nesta mesma causa. Seria o caso, por exemplo, de Jean Jacques Rousseau (1712 – 1778). Mesmo não patrocinado, este acabou por se tornar um dos mais influentes ideólogos da revolução. O movimento, portanto, começou com filósofos medíocres e pagos para instaurar o descontentamento entre a população. A partir do momento em que se instalou o clima revolucionário, surgiram

pensadores de maior estatura que passaram a trabalhar, também, pela derrocada da monarquia e da Igreja, que consideravam excessivamente ligada ao poder.

Assim, dentro da ideologia iluminista, vemos embutido todo um modo viciado de contar a História, que não representa um relato imparcial dos fatos, e sim uma visão comprometida e adaptada, com fins de derrubar a Igreja e a monarquia.

A Revolução Francesa ocorreu numa época em que não existiam jornais. A Imprensa era ainda recente, e os meios de comunicação de massa eram precários. Os ideólogos da revolução desenvolveram, então, métodos para convencer a população. Um exemplo importante é a invenção das célebres “feiras de livros”: seu autor foi o alemão Christoph Friedrich Nicolai (1733 – 1811), escritor que se tornou peça fundamental para a montagem do ambiente cultural e ideológico que propiciou a Revolução Francesa, que por sua vez deu origem ao movimento iluminista, formador de uma versão particular da História em tudo contrária à Igreja, – a qual vigora até hoje.



Nos tempos de Friedrich Nicolai, uma biblioteca grande era composta por 200 ou 300 livros; em toda a Europa, existiam poucas bibliotecas com acervos deste tamanho e, no mais, as pessoas comuns não tinham acesso à leitura. Após a invenção da Imprensa, o público comum passou a se interessar pelos livros, mas não tinham fácil acesso a estes. Instalaram-se gráficas que os imprimiam, mas não havia um sistema eficiente de distribuição, nem de divulgação. Nicolai, atento, começou a visitar as várias gráficas, juntar uma variedade de livros e organizar feiras, que foram se tornando populares e passaram a se multiplicar. Logo Nicolai se tornou o proprietário de diversas feiras do livro. A grande questão é que ele selecionava os livros que divulgava. Via de regra, se os livros eram contra a Igreja e a monarquia, se eram de cunho materialista ou ateu, eram selecionados e distribuídos.

Evidentemente, tais ações ajudaram, e muito, na criação da ideia de que um movimento intelectual muito robusto estava em curso. Tal técnica, inventada por Friedrich Nicolai na Alemanha, foi então aplicada na França, pelos patrocinadores dos autores e filósofos que denegriam a Igreja, criando um clima intelectual favorável à derrocada da monarquia e do catolicismo e, conseqüentemente, ao profundo abalo dos valores morais cristãos.

Uma forte evidência histórica desta grande conspiração está no fato de que, quando o rei da França convocou os Estados Gerais (o Parlamento) para resolver problemas referentes aos impostos, uma vez reunidos, sem nenhuma explicação, os representantes dos Estados franceses passaram a planejar a revolução e a queda da monarquia, redigindo uma Constituição! Evidentemente, todo efeito precisa de uma causa, e tal ação revolucionária não poderia se dar espontaneamente, sem um planejamento prévio.

Vemos que as técnicas aplicadas pelos revolucionários contribuíram decisivamente no surgimento deste fenômeno cultural artificial, em vigor até hoje, que denigre a Igreja Católica. Exemplo bem claro disto é o que podemos observar em qualquer manual de História atual: as diferentes épocas estão divididas e

classificadas; os nomes dados às divisões foram estabelecidos durante o Iluminismo, e vemos o quanto são impregnados de clara ideologia. Cada título atribuído aos períodos da História traz uma valência ideológica: há a Idade Antiga e a Idade Moderna; entre uma e outra, – o período de mil anos no qual o cristianismo desempenhou papel fundamental na História ocidental, sendo referência em toda a Europa, quando a barbárie foi combatida e superada pelos valores cristãos, – é chamado simplesmente de “medieval”, como se não merecesse nome. “Médio” quer dizer algo que apenas existe, entre duas realidades mais importantes; no caso, a Idade Antiga, dos grandes filósofos, e a Idade Moderna, quando a sabedoria teria enfim ressurgido.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, no século 5, quando a barbárie tomou conta das civilizações, a Igreja tornou-se referência cultural na Europa até a queda do Império Romano do Oriente. Os ideólogos do iluminismo quiseram ver neste período uma idade de trevas, em que a razão foi substituída pela superstição. Já o tempo partir do século XV, quando ressurgiu o paganismo, em gradual substituição ao cristianismo, recebe o nome de “Renascimento”, seguido pelo “Século das Luzes”, no qual a deusa razão triunfa sobre Cristo e surge então o “Iluminismo”.

Não é difícil notar que esse tipo de historiografia pode ser tudo, menos isento, equilibrado ou justo. Trata-se de pura propaganda política oficializada e eternizada. Régine Pernoud, grande historiadora medievalista, tratou com brilhantismo acadêmico a realidade factual da Idade Média, uma época de extraordinário desenvolvimento em inúmeros aspectos. Notadamente, a situação da mulher na sociedade, que durante toda a Idade Antiga era vista como nada mais que uma propriedade do *pater familias* (o pai de família), – que tinha poder até para matá-la, caso não estivesse satisfeito, sem que precisasse responder por isso, – foi radicalmente transformada pelo cristianismo. No período medieval, a mulher adquiriu dignidade semelhante à de seu esposo. Estudos demonstram que o cristianismo tornou-se popular, entre outros fatores, justamente porque as mulheres perceberam que a con-

versão dos esposos os impedia de maltratá-las e, assim se empenhavam para que eles se convertessem.

Na Idade Antiga jamais se ouviu falar de uma mulher reinando. Na Idade Média, elas eram coroadas junto com o Rei. Feudos eram comandados por abades e por abadessas. O cristianismo, olhando para a dignidade da mulher, reconheceu a Virgem Santíssima como Rainha do Céu e da Terra, fornecendo o instrumental espiritual para que se reconhecesse o valor intrínseco da mulher.

Já no Renascimento a mulher é reduzida novamente ao status de coisa, perdendo sua dignidade e importância, com a volta do paganismo, da visão antiga, pré-cristã. A esposa do rei não é mais coroada rainha. Em geral, as mulheres se tornam objetos de desejo sexual, inclusive escravas, pois foi justamente no Renascimento que retornou a prática escravagista. Na Idade Média não havia escravos, e o servo da gleba deixou de ser visto como propriedade do senhor feudal, que mantinha com ele uma aliança: impostos em troca de proteção militar.

O Renascimento, assim, significou um apagar de luzes, e não um retorno das luzes. Apagaram-se as luzes dos valores cristãos que plasmaram a cultura na Idade Média.

Todo este estudo visa demonstrar que, para se estudar a História da Igreja, é preciso estudar também o ódio que marcou (e continua marcando) a Esposa de Cristo, que, chagada, segue os passos de seu divino Fundador. A esperança do cristão é no Dia da Ressurreição, quando todos serão um com o Cristo.

• Do curso de História da Igreja do Padre Paulo Ricardo de Azevedo Jr.

Fontes e bibliografia:

1. John Robison, A. M., Proofs of a Conspiracy against all the Religions and Governments of Europe carried on in the secret meetings of Free Masons, Illuminati, and Reading Societies, Third Edition, 1798 (Arquivo PDF)
2. A Revolução Francesa e a Igreja, artigo da ed. Quadrante disponível em quadrante.com.br/artigos_detalhes.asp?id=76&cat=10 acesso 10/12/014



AFINAL, O QUE É ECUMENISMO?

A palavra “ecumenismo” sempre foi usada pela Igreja Católica, significando reunião do conjunto dos bispos. Assim, um concílio que reúna os bispos católicos do mundo todo é um *concílio ecumênico*.

Somente no final do século passado, a palavra “ecumenismo” passou a ser utilizada para chamar um movimento que busca a união de todas as comunidades protestantes e, depois, entre todas as igrejas cristãs. – A Igreja Católica, há muito, deseja a unidade, crendo que promover a reintegração de todos os cristãos na Unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo é de fato a Vontade de Deus. Expressou esse desejo no Conc. Vaticano II, pelo Decreto *Unitatis Redintegratio* (1964), que diz:

“Todo aquele que crê em Cristo, mesmo que não pertença à Igreja Católica, encontra-se em algum tipo de Comunhão com a verdadeira Igreja. (...) a Igreja Católica é a plena depositária da Palavra e das graças divinas. As demais igrejas devem dela aproximar-se na Comunhão da graça.”

Assim, embora a Igreja Católica seja a única fundada por Cristo, e a Igreja de Cristo seja una (‘se um reino se divide contra si mesmo não pode subsistir’, cf. Mc 3,24), é fato que existem hoje diversas denominações ditas cristãs, que professam a fé em Jesus como Deus, Senhor e Salvador. A Igreja Católica busca, então acolher e reunir a todos, no au-

INFORMATIVO DA PARÓQUIA



NOSSA SENHORA
DO

Brasil

:: janeiro/fevereiro de 2015 ::

PROGRAMAÇÃO PASTORAL

Grupo Sementes do Espírito:

Retorna no dia 2 de fevereiro, sempre às segundas-feiras, às 20h.

Grupo de Oração Espírito Santo:

Retorna no dia 5 de fevereiro, sempre às quintas-feiras, às 14h30.

Plantão de Oração:

Retorna no dia 3 de março, sempre às terças-feiras, às 15h – é necessário agendamento prévio, com um responsável dos grupos ou na secretaria.

Hora Santa com Exposição do Santíssimo:

Sextas-feiras às 11h.

Grupo de Jovens Divino Coração:

Domingos às 18h.

Apostolado da Oração:

Santa Missa toda primeira sexta do mês às 18h.

Oração das Mil Aves-Maria:

Todo primeiro sábado do mês na Capela Nossa Senhora do Carmo.

Missa de Nossa Senhora de Schoenstatt:

Dia 18/11, terça-feira, às 12h

Dia 02/12, terça-feira, às 20h

Recolhimento feminino Opus Dei:

Dia 20/jan – “Humildade e Caridade”

Dia 24/fev – “O Desprendimento Cristão”

EXPEDIENTE PAROQUIAL

Secretaria:

Dias úteis: das 8h30 às 19h / sábados: das 8h30 às 14h

E-mail: nsbrasil@nossasenhoradobrasil.com.br

Horários de Missa

Segundas-feiras: 8h, 9h, 12h05, 17h30 e 18h30.

Terça a sexta-feira: 8h, 9h, 12h05, e 17h30.

Sábados: 8h, 9h, 12h e 16h.

Domingos: 8h, 10h, 11h15, 12h30, 17h, 18h30 e 20h.

Confissões

Segundas, das 10h às 12h; sextas, das 10h às 12h; aos domingos, antes e durante as Missas (durante a semana, pode-se marcar hora para Confissão e direção espiritual).

Matrimônio / Curso de Noivos

Informações sobre procedimentos, datas e horários disponíveis para casamento devem ser solicitadas exclusivamente na secretaria paroquial, pessoalmente.

Batismo

Informações sobre as inscrições para o curso preparatório ao Batismo, para pais e padrinhos, na secretaria paroquial, pessoalmente. Trazer uma lata de leite, para ser doada para instituições de caridade, e documentação. Confira no site [www.nossasenhoradobrasil.com.br/pastoral/pastoral-do-batismo] a lista de documentos necessários.

Horários e dias para Batismo

Sábados, 13 e 15h (individuais) e domingos, 9h, 13h30 e 15h30 (individuais) e 14h30 (coletivo). Batismos individuais devem ser marcados com antecedência.

:: PARÓQUIA NOSSA SENHORA DO BRASIL ::

Praça N. S^a do Brasil, s/n^o – Jardim Paulista – CEP.: 01438-060 – São Paulo – SP

INFORMATIVO N. S^a DO BRASIL

ANO 6 • ED. 35 • JAN/FEV 2015

Bimestral • Distribuição gratuita • Tir: 2500 exemplares

• Responsável: Pe. João Bechara Ventura

• Projeto editorial: Henrique Sebastião



(11) 3082-9786



www.nossasenhoradobrasil.com.br



facebook.com/nossasenhoradobrasil



twitter.com/nsbrasil



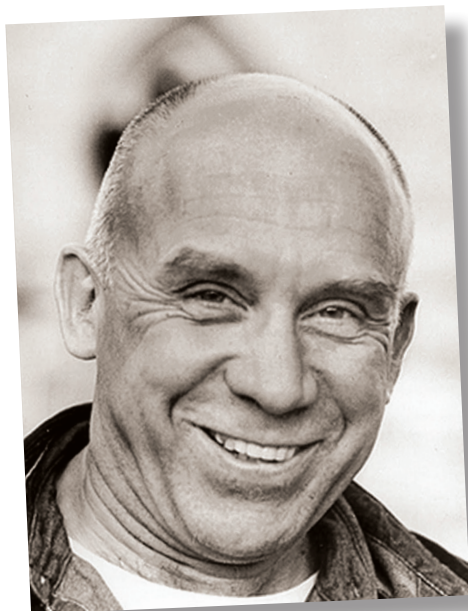
Baixe o app
para **iPhone**
NSradoBrasil

THOMAS MERTON – A Herança de um Místico

Por Cristóvão de Sousa Meneses Júnior

Coord. Executivo - Sociedade dos Amigos Fraternos de Thomas Merton

merton.org.br | merton.br@gmail.com



O QUE A HISTÓRIA de um estudante rebelde da Universidade de Columbia, em Nova York, que acordou para a fé aos 23 anos e que decidiu ingressar em uma das ordens religiosas mais austeras do Catolicismo tem de especial além da 'alegria no Céu por um pecador que se arrepende'? Nada, se ela não nos fosse contada pelo próprio protagonista, com as intensidades com que ele a coloriu.

Thomas Merton (1915-1968) se tornou em um dos mais famosos escritores monásticos e espirituais do século XX, e nos dias atuais é referência em questões de paz, não-violência, justiça social e diálogo permanente entre as tradições religiosas. Antes mesmo de se tornar monge na Abadia Trapista de N. S^a do Gethsemani (Kentucky, EUA), Merton escreveu diários pessoais, romances e poesias, dando clara ideia de sua extraordinária lucidez e da potência do seu intelecto, sua úni-

ca arma para se defender do mundo e preencher seu crescente vazio interior.

Quando o portão do Mosteiro se fechou atrás do jovem Merton, em 10 de dezembro de 1941, encerrando-o entre as quatro paredes da sua nova liberdade, seus olhos brilharam pelo acolhimento daquela nova vida como um presente de Natal antecipado. Ali iniciaria a gestação de sua autobiografia, 'A Montanha dos Sete Patamares', que o tornaria mundialmente (re)conhecido. – *The Seven Storey Mountain* se tornou um clássico e continua um *best-seller* mundial desde sua publicação em 1948. – Ele publicou mais de 30 livros durante sua vida, e os editores têm apresentado ao público mais trinta títulos, desde 1968, entre livros espirituais, diários e cartas. Além da autobiografia, merecem destaque as obras: 'Novas Sementes de Contemplação', 'O Sinal de Jonas', 'Homem Algum é uma Ilha', 'Na Liberdade da Solidão', 'Místicos e Mestres Zen', 'A Via de Chuang Tzu' e 'O Diário da Ásia'.

Thomas Merton foi um intelectual em muitas vertentes. Seu legado é mantido pela *International Thomas Merton Society*, entidade com mais de 40 células em todo o mundo, incluindo o Brasil através da Sociedade dos Amigos Fraternos de Thomas Merton, que há quase 20 anos vem promovendo o estudo e a preservação da herança espiritual de Thomas Merton para as gerações seguintes.

Todos os escritos de Merton, mas particularmente seus diários pessoais e correspondências privadas, expõem a forma e o labor para se levar uma vida religiosa autêntica e pesso-

al em uma sociedade secularizada. A honestidade de seus livros, fruto de sua experiência pessoal, habilitam os leitores a enfrentar as próprias fraquezas na jornada espiritual, com o entusiasmo de estarem sendo guiados por um verdadeiro mestre. Mesmo depois de sua morte em 1968, Merton ainda vive e continua mais atual do que nunca. É um buscador da unidade entre os seres; um homem que viveu pela fé e que, mesmo isolado num claustro, não deixou escapar nenhum dos grandes problemas do mundo de sua época.

É no contexto das celebrações em comemoração pelos 100 anos do nascimento deste homem completo que, no próximo dia 31 de janeiro de 2015, a SAFTM conclama todos os leitores de "O Fiel Católico" a se aproximarem mais desta herança espiritual, participando às 10h da Missa Pontifical presidida por Dom Odilo Scherer e concelebrada por Dom Abade Mathias Braga OSB e Dom Abade Bernardo Bonowitz OCSO, com cantos gregorianos pelos monges do Mosteiro de São Bento; da inauguração, às 11h, da exposição de fotografias e desenhos de Thomas Merton. Em seguida, às 11h15, Dom Abade Bernardo Bonowitz proferirá sua conferência; finalizaremos às 12h15 com coquetel e o lançamento do livro 'Mertonianum 100', contendo textos de intelectuais leigos e religiosos sobre Thomas Merton. – Local: Mosteiro de São Bento, SP.

Por tudo isso, temos muitos motivos para nos alegrar, com a certeza de que a mensagem de Thomas Merton continuará ecoando na capital paulista e fazendo-se ouvir noutros cantos do país!



“O TODO PODEROSO FEZ GRANDES COISAS EM MEU FAVOR, SEU NOME É SANTO E SUA MISERICÓRDIA SE ESTENDE DE GERAÇÃO EM GERAÇÃO SOBRE OS QUE O TEMEM!” (Lc 1,49-50)

O QUE ESSE CANTO de louvor e gratidão, brotado do coração de Maria (Lc 1,49-50) e, anteriormente, de Ana (1Sam 2,1-10) tem a ver comigo e com você, hoje?

Elas confiavam nas Promessas do Senhor mesmo quando no dia-a-dia tudo lhes parecia ser contrário. Maria confiou mesmo sem compreender (Lc 2,50). Ana pediu o que parecia impossível e seu desejo foi atendido conforme sua fé.

E nós?

Temos a tendência de nos fixarmos mais nas dores, nas coisas ruins, nas experiências amargas, a recordar mais aquilo que nos marcou negativamente. Não pomos em evidência e nos esquecemos com facilidade de todas as graças e o bem recebido. Faltam-nos também o reconhecimento do nosso nada e a fé cega de Ana e Maria que conservaram a esperança até que tudo se cumprisse.

Nosso coração ainda pouco agradecido não está acostumado a louvar. Nesse ano de 2015 desejamos reverter essa inclinação que tem levado muitos à depressão e à tristeza, pondo em evidência, mesmo sem querer, a “cultura de morte” que mergulha o mundo na escuridão e contra a qual temos sido fortemente exortados por S. João Paulo II, Bento XVI e o Papa Francisco.

A palavra de Deus, por duas vezes, se fez carne em Maria. Primeiro fisicamente quando por 9 meses ela o carregou em seu seio e o alimentou; depois se fez carne no resto de sua vida quando cada um de seus gestos, a cada momento, foi inspirado pela Palavra de Deus vivida com fidelidade. Nós não pode-

mos imitá-la na primeira encarnação, mas podemos fazê-lo na segunda! Podemos conceber o Verbo com a mente, alimentar com Ele o nosso coração, gerando vida onde estivermos. Assim, estaremos rumando contra a maré do mundo e instaurando a cultura da vida verdadeira, ensinada por Aquele que diz: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida”.

Se você quiser se abrir ao Espírito Santo para que Ele faça novas todas as coisas em sua vida, una-se à nossa proposta: acolher a Palavra, guardá-la no coração, torná-la “luz para nossos passos” e alimento para nossa vida.

Vamos viver aquela bem-aventurança que o Senhor pronunciou um dia por ocasião da visita de sua mãe: “Bem-aventurados (felizes) os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”(Lc 11,28).

“Feliz ano novo” não pode ser uma exclamação saída das nossas bocas apenas na passagem do ano e da qual quase não nos lembramos mais. Não! Tem que ser um canto de louvor e agradecimento entoado todos os dias do ano, lembrando que o Senhor fez e faz grandes maravilhas a nosso favor porque àqueles que crêem serão cumpridas todas as coisas que da parte do Senhor foram prometidas (Lc 1,45).

Venha fazer uma experiência do amor de Deus que pode mudar sua vida. Participe do Grupo de Oração Espírito Santo toda 5ª feira, das 14:30 às 16:30h (recomeço em fevereiro). É só chegar!

PROCLAMAS DE CASAMENTO

10/JANEIRO – Alexandre Fernandes Alfredo e Elaine Coutinho Schluz; Frederico Bellini Coelho e Renata Onofre Gibertoni; Edvaldo Rosa de Jesus e Vanessa dos Santos Taira.

17/JANEIRO – Roberto Takeshi Shimada e Patrícia Hiyori Yamaguti; Frederico Souza Q. Assis e Luciana Loureiro Nardotto; Alexandre Xavier e Patricia Moraes Camargo Rocha; Francisco Antônio Sampaio Faram e Maria Beatriz P. Duarte Franco de Moraes.

23/JANEIRO – Luis Gustavo Schlefer Guedes e Cibelle Nunes de Arruda.

24/JANEIRO – José Roberto Marques e Sivanise Galvão da Silva; Luis José Muaccad Gama e Mariana Vallim Salles; Mark Kenji Shimode e Erika Etsuko Shigueno; Eduardo Tadeu Almeida Nobrega de Viveiros e Marcela Freitas de Medeiros Keunecke.

30/JANEIRO – Alessandro Ferracim e Raquel Jorge de Oliveira.

31/JANEIRO – Lourenço Ortiz Heitzmann e Priscila de Lara Nogueira; Pedro de Assis Arantes e Juliana Machado Freire Monteiro Lima; Fabio Antonini Midea e Michelle mestriener Castro; Gabriel Trajano Pitas si e Natalia Caroline Cavalcante Lola.

6/FEVEREIRO – Bruno Moreira de Almeida Marques e Valquiria Macedo da Silva.

7/FEVEREIRO – David Cândido da Silva e Juliana Corrêa Nori; Marcos Forbes Siciliano e Bianca Ginde Vanin; Fábio Dudzevicius e Renata de Camargo Perrella; Carlos André Barboza Pontes e Thaís Spaggiari Artioli; Ricardo Arroyo Rstom e Luciana Maria Chagas Palandri; Iugor Fernandes Vaz e Bianca Arduino Greer.

21/FEVEREIRO – Fabricio Aparecido Neves Frau e Greice Renata Gandolphi; Wanderlei Pessoa Junior e Jacqueline Tilme Cruz; André Alves Menezes e Tatianna M. Fagiolo; Felipe Augusto Trocoli Ferreira e Vanessa Monteiro Sanvido.

24/FEVEREIRO – Thiago André Barbosa e Fernanda Rodrigues de Souza.

27/FEVEREIRO – Eduardo Vilas Boas Cruz Gabriel e Fernanda de Moraes Maciel.

28/FEVEREIRO – Bruno Guimarães Silvado e Maria Heloísa Contrucci; Luis Eduardo Hayashi e Chaiane Alves de Araujo; Gabriel Manzo Natali e Vanessa Montesano Simone; Guilherme Rodrigues Liberado e Millene Satiko Hasegava; Otávio Marques do Prado e Adriane Schuck da Silva.



www.nossasenhoraodobrasil.com.br



DIZIMISTAS ANIVERSARIANTES

JANEIRO

- Mauro Agresta
- Regina Segadas da Cruz
- Rita Noriko Takano
- Maria Cláudia Strambi Guimarães
- Zélia Coimbra
- Maria Sylvia Campos
- Maria Dulce Medicis

FEVEREIRO

- Ruth Giorgi
- Francisco Fonseca Silva
- Rosângela Fava Della Libera
- Fernando Diniz

têntico ecumenismo, que é aproximação, cooperação, busca fraterna da superação das divisões entre católicos, ortodoxos e protestantes históricos (difícilmente se incluem as novas seitas que, embora pretendam confessar a fé em Cristo, claramente renegam as bases mais elementares de sua doutrina). A questão que fica, sem dúvida é: como superar as (grandes) diferenças?

O Conc. Vaticano II sugere que as iniciativas dos católicos progridam em conjunto com as dos nossos irmãos separados. Todos somos chamados a viver a proposta do verdadeiro ecumenismo: juntos, por amor a Cristo, ao menos neste sentido somos um só povo. As divisões contrariam a vontade de Deus e dificultam cumprir o Mandamento do Senhor: levar o Evangelho a toda criatura (Mc 16,15). Eis aí, entre outros, um forte motivo pelo qual a unidade é urgente.

As dificuldades, todavia, já começam na própria palavra “ecumenismo”, envolvida em confusão acerca de seu real significado. Muitas vezes, é preferível e certamente mais apropriado falar em “unidade cristã”, do que em ecumenismo. – Ocorre que, popularmente (e equivocadamente), convencionou-se dar a “ecumenismo” o sentido de uma espécie de religião universal, global. Dá-se a entender que não importa em que se crê, desde que haja respeito mútuo. O ecumenismo seria, assim, a reunião de todas as crenças, cristãs ou não. Por esse motivo, embora o verdadeiro significado da palavra não seja este, convém evitar a confusão, optando pela expressão “unidade cristã”.

Outro aspecto importante é que a Igreja Católica deseja a superação das divisões para a União em Cristo, – *nela mesma*, Igreja instituída diretamente por Nosso Senhor e preservada na Tradição dos Apóstolos. Por isso não pode ceder, em questão de fé, para agradar quem quer que seja. E não haveria como ser diferente: enquanto católicos, dizemos um sonoro e claro “não” à confusa ideia de união sincrética entre todas as religiões, na criação de uma nova seita supostamente universal, de uma “nova era”. Neste sentido, estamos bem próximos do pensamento dos líderes de outras grandes religiões, como por exemplo o Dalai Lama, autoridade máxima do budismo mundial, que em sua quarta visita ao Brasil se declarou chocado ao ver tantos ocidentais que se diziam budistas apenas por

“moda”, por considerarem o budismo uma religião exótica, misteriosa, de belos rituais, que supostamente conferiria um “charme” diferente aos seus adeptos¹.

A Igreja Católica é, como diz o próprio nome, universal, e desde sempre una, pois os cristãos desde a origem aderiram a uma só fé, um só SENHOR, um só batismo e uma só doutrina, para integrar um só Corpo, – o de Nosso Salvador Jesus, o Cristo. Em sentido próprio, é inegável que seja a única Igreja realmente ecumênica no sentido original e puro da palavra, pois permanece aberta a todos os homens e mulheres, de qualquer idade, de todos os povos, de todas as culturas e línguas, de todos os tempos, presente em todos os continentes, entre todas as nações: por sua histórica origem divina, é a Igreja autêntica. Por tudo isso é que nós, católicos, jamais devemos temer ofender alguém ao proclamar estas verdades. Entre manter forçadas boas relações sociais e confessar a Verdade, todo cristão precisa saber fazer, sem medo, a segunda opção.

Por fim, além de tudo, lamentavelmente existe também a necessidade urgente de se superarem as divisões dentro da própria Igreja Católica, e este talvez seja o maior dos desafios: A falta de união entre católicos parece ser o fator que mais enfraquece a Igreja e fomenta a apostasia em nossos tempos. A esse propósito, declarou o Secretário da Conferência Episcopal Espanhola, Pe. Juan Antonio Martinez Camiño:

“A comunhão na Igreja tem hoje dois desafios: viver um ecumenismo intra-católico e uma comunhão nos seus conteúdos. Precisamos de um ecumenismo intra-católico e uma aceitação cordial de todos naquilo que é fundamental à nossa fé, pois é nossa União a Deus em Cristo, por meio do seu Espírito, que nos anima e põe a todos e a cada um, segundo nosso estado, em pé de evangelização. (...) Sem esse testemunho de Unidade é difícil a evangelização e o testemunho cristão. O segundo nível da comunhão de que necessita a Igreja é a comunhão nos conteúdos, na Mensagem, na Doutrina. Esta comunhão é fundamental (...). São coisas distintas, mas absolutamente unidas.”

Disse muito bem o Revmo. Padre Camiño. Rezemos por essas intenções e esforcemo-nos em realizar bem, cada um de nós, a nossa parte!

1. Revista Veja digital, seção “Mundo”, disp. em: veja.abril.com.br “Dalai Lama no Brasil - Uma religião jamais será universal” Acesso 15/12/014



O DIREITO DE TRIPUDIAR A FÉ

Pelo Revmo. Sr. Bispo Dom Antônio Rossi Keller – Frederico Westphalen (RS)

Ultimamente temos assistido, – nós, pobres ignorantes “tapados” que temos o Dom da Fé, – a um verdadeiro festival de afrontas, agressões, ridicularizações, ataques, paródias grotescas, enfim, um conjunto de ações que visam a depreciação da fé, que é apresentada quase sempre como sinônimo de fanatismo e/ou coisa de gente ignorante.

A Igreja de Cristo transformou-se no vaso de escarro chinês daqueles que se julgam no direito de afrontar, com ares de superioridade, o “fanatismo” religioso

católico, para eles destinado a desaparecer da sociedade civilizada e libertária num futuro já não tão distante. Finalmente, aproximariam-se os tempos da verdadeira liberdade, já que está por pouco a influência do catolicismo em nossa terras...

Este é, infelizmente, o pensamento de muitos e muitas que outorgam para si mesmos o título de defensores das “liberdades” e das “minorias”. Gente que a todo tempo vomita chavões, *slogans* e palavras de ordem em defesa de direitos em grande parte absolutamente discutíveis e de escassa consistência. Paródias como a que

foi apresentada por uma banda de rock satânico, no último “Rock in Rio”, que se utiliza de símbolos católicos invertidos, – exatamente para demonstrar a quem seguem e a que princípio servem, – encontram espaço de forma absolutamente natural nestas expressões consideradas de fundo “cultural”.

Hoje, a moda é ser contra o catolicismo. Pior ainda, usam-se mesmo as palavras, os gestos, as declarações e entrevistas, e quem sabe até adivinham-se as intenções e pensamentos do Papa Francisco, mostrando-o como exemplo de pura aceitação da “diversidade” e



do “pluralismo”, mas sem os filtros de uma visão moral já ultrapassada, em vias de extinção. Homens e mulheres da Igreja, alguns sobejamente conhecidos por suas posturas dúbias, que encontraram nas instâncias superiores os limites da imutável disciplina da Igreja, para que se mantivessem no terreno aceitável da autêntica fé católica, hoje sentem-se libertados de qualquer tipo de rédea ou controle.

Há alguns meses escrevia eu, ingenuamente, que “tempos difíceis estavam se aproximando”, para a Igreja e para os católicos.

Não. Não serão simplesmente difíceis; serão mesmo terríveis. Tempos não só de testemunho sofrido, mas tempos de martírio, de perseguição, de incompreensão, de oposição virulenta, fundada no princípio de uma liberdade que conduz à pior escravidão: a escravidão daquele que, sendo escravo, pensa ser livre.

Um bispo deve ser um anunciador da esperança. Declaro, através desta mensagem, prometer seguir adiante na proclamação da Mensagem cristã, fundada antes de tudo no Mistério Redentor da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo, único Salvador da humanidade; Mistério este ensinado dentro da Tradição Sagrada, nos séculos, pela Santa Igreja: Una, Santa e Católica, fundada na rocha que é o Apóstolo Pedro.

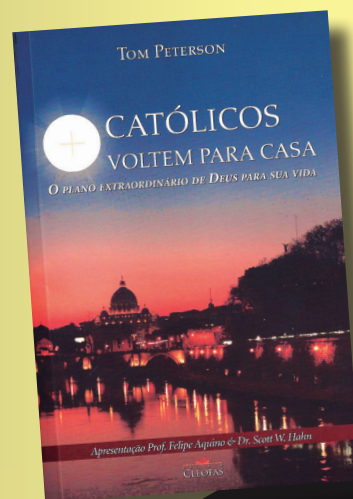
Há uma única arma, a meu ver, de autêntica e poderosa eficácia neste combate: a oração. No início de seu pontificado, o grande Bento XVI propunha-se a escrever e falar menos, e a rezar mais...

Quem sabe, dentro do quadro necessário do testemunho que exige também a palavra, principalmente nós, homens do Ministério Sagrado, falemos menos e rezemos mais. Certamente ajudaremos muito mais a Igreja neste combate contra as forças infernais que, mais do que nunca, mostram suas cortantes garras.

Disponível em:
encontrocomobispo.org/2013/09/o-direito-de-tripudiar-fe.html
 Acesso 10/12/014

“Católicos, voltem para casa”

Tom Petterson
(Cleofas)



Através da célebre campanha “*Catholics come home*”, fundada pelo norte-americano Tom Peterson, centenas de milhares de ex-católicos ou “católicos não-praticantes”, ao redor do mundo, decidiram voltar ao seio da Igreja para viver e testemunhar a fé católica e apostólica. A série de vídeos desta campanha, fenômeno da internet, assim como o site, ajudaram multidões a reencontrar a essência do catolicismo, num processo que o autor chama de “reversão” (antigos convertidos que retomam a fé).

Um livro vibrante, que motiva o leitor a reencontrar a felicidade de viver e ser Igreja, na prática. Uma obra inquestionavelmente eficaz, que despertou tanta atenção simplesmente porque funciona, e faz o convite essencial: como e onde estiver, comece agora a viagem de volta para Jesus e para a sua Igreja. Católico, volte para casa!

• Disponível na loja da Paróquia Nossa Senhora do Brasil

REZAR PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO

Entrear no Céu e participar da Glória de Deus é o anseio de todo ser humano, mesmo dos que não o compreendem. Para que isso aconteça, porém, é preciso que a alma esteja purificada e pronta para amar a Deus de todo o coração, de toda a alma e com todo o entendimento. A preparação das almas, para adentrarem o Céu, é, então, a finalidade do Purgatório. O Concílio de Trento (1563) emitiu o seguinte decreto:

“Já que a Igreja católica, instruída pelo Espírito Santo, a partir das Sagradas Escrituras e da antiga Tradição (...), ensinou que o Purgatório existe e que as almas aí retidas podem ser ajudadas pelos sufrágios dos fiéis e sobretudo pelo Santo Sacrifício do Altar, o santo Sínodo prescreve aos bispos que se empenhem diligentemente para que a sã doutrina sobre o Purgatório (...) seja acreditada, mantida, ensinada e pregada por toda parte.”¹

Rezar pelas almas do Purgatório, exige o exercício de três virtudes: **Fé**, **Amor-caridade** e **Justiça**. Quanto à Fé, é preciso crer naquilo que a Igreja ensina. Como vimos, para o Purgatório “vão as almas das pessoas que morreram em estado de Graça, mas ainda não satisfizeram completamente por seus pecados e penas temporais”.²

A maior parte das almas vai para o Purgatório, isto é inegável, pois são pouquíssimas as que chegam a tão alto grau de santidade, nesta vida, que permita que prontamente contemplem a Face de Deus, no Céu. Contudo, é possível ajudar aquelas que, embora salvas, precisam de purificação: por meio de oração, penitência e obras de caridade: essas almas nada podem fazer por si mesmas e contam exclusivamente com a ajuda dos que vivem neste mundo; e o maior auxílio que têm é a celebração da Santa Missa. O mesmo Concílio de Trento afirma:

“Se alguém disser que o Sacrifício da Missa é apenas de louvor e ação de graças, ou mera comemoração do Sacrifício realizado na cruz, e não Sacrifício propiciatório; ou que só aproveita a quem o recebe e não se deve oferecer pelos vivos e defuntos, pelos pecados, penas, satisfações e outras necessidades, seja anátema.”³

Antigamente havia o piedoso costume de se terminar a lista de intenções da Missa com o pedido pelas almas do Purgatório. Um gesto que infelizmente caiu em desuso, e



como seria salutar recuperá-lo! Trata-se de um ato de caridade para com as almas que se encontram impossibilitadas.

O Amor-caridade é a segunda virtude a ser exercitada. É preciso amar estas vidas que são as mais necessitadas: é dever de cada cristão pedir por aqueles que padecem no Purgatório. Nossa Senhora, em Fátima, ensinou a rezar do seguinte modo: “**Ó meu bom Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do Inferno, levai as almas todas para o Céu e socorrei principalmente as que mais precisarem**”. – As almas que mais precisam, evidentemente, são as que se encontram no Purgatório.

A terceira virtude que deve ser exercitada é a Justiça, que possui dois aspectos: o primeiro é o da compaixão para com nossos antepassados. Há uma obrigação filial em se rezar pela nossa ascendência. Devemos a própria vida, além de a Deus, a cada um deles. Antes de tudo, é justo rezar pelos seus antepassados.

O segundo aspecto refere-se à justiça em seu sentido estrito: quantas pessoas não estarão no Purgatório, padecendo, por nossa culpa direta? Está aí uma realidade na qual não costumamos pensar, mas os nossos maus exemplos, cumplicidades nos pecados alheios, maus conselhos, omissões nos momentos em que poderíamos advertir o próximo de um erro, mas preferimos o silêncio, por covardia, por comodidade... Quantas pessoas foram levadas ao pecado por nossa causa e, hoje, falecidas, estão se purificando no Purgatório por nossa culpa? É obrigação de justiça, portanto, rezar por elas.

Assim, urge exercitar as três virtudes listadas, recuperando a prática de piedade que a Igreja acalenta há tantos séculos: rezar pelas almas dos falecidos.

1. Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral, Denzinger-Hünnemann, nº 1820

2. Idem, M:2bc

3. Ibidem, nº 1753



O SACRAMENTO DO MATRIMÔNIO

É admirável e até surpreendente que o amor humano, o amor entre um homem e uma mulher, – amor que envolve doação, parceria, cumplicidade, carinho, carícias e intimidade sexual, – seja marcado por Cristo com a sua Graça, isto é, que seja um Sacramento. Sim, o amor entre homem e mulher, amor carnal, também é sinal do Amor de Deus. Diz o Catecismo da Igreja Católica:

“O pacto matrimonial pelo qual homem e mulher estabelecem entre si a comunidade [comum unidade] por toda a vida, por sua própria natureza ordenado ao bem dos esposos e à procriação e educação dos filhos, entre os batizados foi elevado por Cristo Senhor à dignidade de Sacramento.” (CIC §1601)

Há uma grande beleza nesta realidade: homem e a mulher, pelo amor, assumem uma aliança para toda a vida. E para quê? Um dos motivos

é puramente o amor, simplesmente para desfrutarem e viverem o amor entre eles, amando-se e sendo felizes e mais fortes juntos. – É disso que o Catecismo está falando quando diz “bem dos esposos”. Outro motivo, igualmente importante, é que o casal partilhe seu amor com os filhos que Deus lhes enviar. O perfeito amor é assim, expansivo: espalha-se, difunde-se, cresce. Quanto mais amor, mais partilha. E mais expansão do amor.

O Catecismo diz também que esse amor, entre um cristão e uma cristã, foi elevado por Cristo à dignidade de Sacramento, quer dizer, de sinal eficaz da Graça de Cristo(!). Até São Paulo, admirado, exclamou sobre tal realidade: “...É grande esse mistério!” (Ef 5,32).

A Escritura, do começo ao fim, fala do Matrimônio e do seu mistério profundo: basta lembrar que logo no início, no Gênesis, está a criação do homem e da mulher e a ordem de crescerem e se multiplicarem. Vemos ali a primeira palavra do homem, uma declaração de amor à mulher: “Eis agora, aqui, o osso dos meus ossos e a carne de minha carne!” (Gn 2,23). E o Apocalipse, último livro da Bíblia, termina com a visão mística das Nupcias do Cordeiro, que é o próprio Cristo, com a Jerusalém Celeste, sua Igreja (Ap 19,7.9).

O Matrimônio na ordem da Criação

O Matrimônio, enquanto união sagrada entre o homem e a mulher, não começou a existir com o cristianismo; existe desde que existem seres humanos sobre a Terra. A Escritura diz que Deus nos criou à sua imagem e semelhança. Entre outras coisas, isso significa que o homem, assim como Deus, é capaz de amar e de ser amado.

Todos nós temos sede de dar e receber amor. Você já parou para pensar que somente amando é que nos humanizamos, amadurecemos, crescemos? E não só espiritualmente, como também emocionalmente e até intelectualmente? Amando é que crescemos enquanto seres humanos, em sentido integral. Quem não ama se desumaniza. Ou poderíamos dizer que aquele que se fecha para o amor, de um modo, se animaliza.

Por isso mesmo, – e que interessante é isto, – no Gênesis lemos que Deus cria e vê que tudo o que cria é bom; mas, ao criar o homem, exclama: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18). O SENHOR, então, do homem cria a mulher. Belíssima e profunda esta parábola do Antigo Testamento da Bíblia! E a Escritura diz que então Deus enviou um sono ao homem, e Deus tira a mulher de sua costela, como que do íntimo do homem, para que lhe seja mais do que uma simples companheira: para que sejam os dois “uma só carne” (Gn 2,24). – E como disse Sto. Agostinho, Deus não tirou a mulher dos pés do homem, porque ela não é inferior a ele; e nem lhe tirou da cabeça, pois ela também não lhe é superior: tirou-a do lado.

Significativo também é o fato de Deus não ter novamente assoprado sobre a mulher para dar-lhe a *ânima*, a vida: ambos vivem do mesmo Sopro de Deus, pois foram feitos um para o outro. E o amor do homem pela mulher, logo que a viu, foi instantâneo (Gn 2,23)!

Assim, vemos que, ainda que somente o Matrimônio entre cristãos seja Sacramento, as uniões entre homens e mulheres, fundamentadas no amor, são de algum modo abençoadas por Deus desde sempre, pois estão inscritas no Propósito divino inicial para a humanidade. Em todas as culturas e épocas, enquanto o ser humano existir, homem e mulher largarão tudo, sairão de seu ninho afetivo, deixarão família e casa e assumirão uma grande aventura: formar uma nova família, um novo lar, uma nova vida totalmente compartilhada, na qual o destino dos dois esteja entrelaçado, e desse laço dependa o destino dos filhos! Realmente, “é grande este mistério”!

O Matrimônio sob o regime do pecado

A doutrina cristã e católica trata da experiência do mal que cada um de nós e toda a humanidade vivencia: nascemos já como que quebrados em nossas almas, somos incoerentes por natureza, muitas vezes egoístas (disto veremos o porquê mais adiante). Tal situação atinge todos os aspectos da existência humana, e também a relação afetiva entre o homem e a mulher. Mesmo algo tão bonito como o amor verdadeiro de um casal não é sempre um “mar de rosas”. Também esse amor é ameaçado pela discórdia, pelo espírito de domínio, pelo ciúme, pela infidelidade e por tantos conflitos que, acumulados, podem fazer com que, num desfecho extremo e trágico, esse sentimento sublime chegue a tornar-se ódio.

O amor não “cai do Céu”... É um desejo inato do coração humano, porém é constantemente ameaçado pela nossa desordem interior, e talvez ainda mais pela desordem do mundo que nos cerca. De onde vem tais desordens? A fé nos diz que vem da situação de pecado na qual a humanidade toda se encontra. Esta situação de pecado, – que teologicamente chamamos “Pecado Original”, – provém do início da humanidade: o homem decidiu viver sua vida “do seu jeito”, quis ser seu próprio deus, e, assim, desarrumou-se integralmente: consigo mesmo, com Deus, com a natureza, com os outros. E a relação homem-mulher também foi prejudicada.

As Sagradas Escrituras estão repletas de histórias que mostram como o amor humano muitas vezes degenera em egoísmo, o afeto em ciúme, a atração sexual em relação de domínio e desfrute carnal egoísta. Mas, apesar de toda desordem, o plano de Deus para o amor humano continua vivo, belo, alto, nobre! Com a Graça que nos vem por Jesus Cristo, o homem e a mulher podem se superar e viver um amor realmente digno desse nome. É necessário, porém, investir nele, construí-lo, sabendo renunciar, dialogar, perdoar, aprender a ser feliz na felicidade do outro.

O amor se aprende, o amor se constrói. Quem não está disposto a se construir e se formar no dia-a-dia não deveria casar, porque não saberá amar de verdade, e o Sacramento do Matrimônio necessita de amor. – Amar é saber ser verdadeiramente feliz pelo bem do outro, é saber sair de si para ir ao encontro do outro, com seus sonhos, projetos e jeito de ser. O amor real, de carne e osso, não se dá entre dois seres perfeitos e totalmente integrados, mas entre duas pessoas com virtudes, defeitos e feridas deixadas pela vida. Pessoas “em

construção”, enfim, que precisam ser perdoadas, acolhidas, amadas, aceitas. Neste sentido, o Matrimônio é um belíssimo meio para sair de si, para abrir-se para o outro, para aprender a partilhar. O Matrimônio é caminho de superação, humanização e amadurecimento. É como um santo simulacro da relação entre o ser humano e Deus.

O Matrimônio sob a pedagogia da Lei

No Antigo Testamento, de início, não é muito clara toda essa profundidade do amor matrimonial e sua dignidade. Nos textos mais antigos da Bíblia, vemos que alguns patriarcas eram polígamos. Contudo, pelos Profetas, Deus vai comparando sua Aliança com o povo de Israel a uma aliança matrimonial. E nessa relação de amor, Deus exige que Israel seja totalmente de seu Deus, assim como Deus lhe é e será sempre fiel. Sobre isso há páginas de grande beleza e poesia no Antigo Testamento (como Os 1-3; Is 54; Jr 2-3; Ez 16). Basta-nos o exemplo encantador do Livro de Oséias, em que Deus se compara a um esposo apaixonado que vai seduzir Israel, sua amada:

“Eis que vou, Eu mesmo, seduzi-la, conduzi-la ao deserto e falar-lhe ao coração. Eu te desposarei a Mim para sempre, Eu te desposarei na justiça e no direito, no amor e na ternura. Eu te desposarei a Mim na fidelidade e conhecerás o SENHOR!” (2,16.21s)

Já o magnífico Cântico dos Cânticos celebra, a um só tempo, o amor humano e o amor entre o SENHOR, Esposo amoroso, e sua esposa, o povo de Israel:

“Que me beije com beijos de sua boca! Teus amores são melhores do que o vinho, o odor dos teus perfumes é suave, teu nome é como óleo que escorre, e as donzelas se enamoram de ti... Arrasta-me contigo, corramos! Levame, ó rei, aos teus aposentos e exultemos! Alegrem-nos em ti! Mais que ao vinho, celebremos teus amores! (Ct 1,2-4)

Sim isto é Palavra de Deus! O amor humano em todo o seu realismo e sublimidade, que nos surpreende por ser capaz de exprimir o Amor da Aliança entre Deus e o seu povo.

O Matrimônio no Novo Testamento

Nosso Cristo, Senhor e Salvador, veio para estabelecer uma nova e eterna Aliança, não somente entre Deus e Israel, mas, agora, entre Deus e a humanidade inteira, congregada num novo povo que é a Igreja. Nesta Aliança, o Esposo é Cristo e a Esposa a Igreja; uma Aliança selada no Espírito Santo, simbolizado pelo Vinho novo. Assim compreendemos porque o primeiro sinal de Jesus foi numa festa de núpcias em Caná da Galileia (Jo 2,1-12).

Jesus ainda contou parábolas sobre o banquete de casamento (Mt 22,1-14), falou das virgens que esperam o noivo (Mt 25,1-13), em sentar-se à Mesa do Banquete com Abraão, Isaac e Jacó (Mt 8,11s), e João Batista declarou que Jesus é o Esposo, que vem desposar Israel (o novo Israel, a Igreja, cf. Jo 3,29). Assim, Cristo e a Igreja são como Noivos sagrados numa Aliança de Amor eterno.

Por tudo isso o Matrimônio entre dois batizados é um Sacramento. É um sinal real e eficaz da Graça divina: o esposo cristão é, no seu amor, imagem viva do amor do Cristo-Esposo pela Igreja-Esposa! A esposa cristã é, no seu amor, imagem do amor da Igreja-Esposa pelo seu Cristo Jesus! É o que S. Paulo proclama na Carta aos Efésios: “Maridos, amai vossas mulheres, como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela”... (5,21ss).

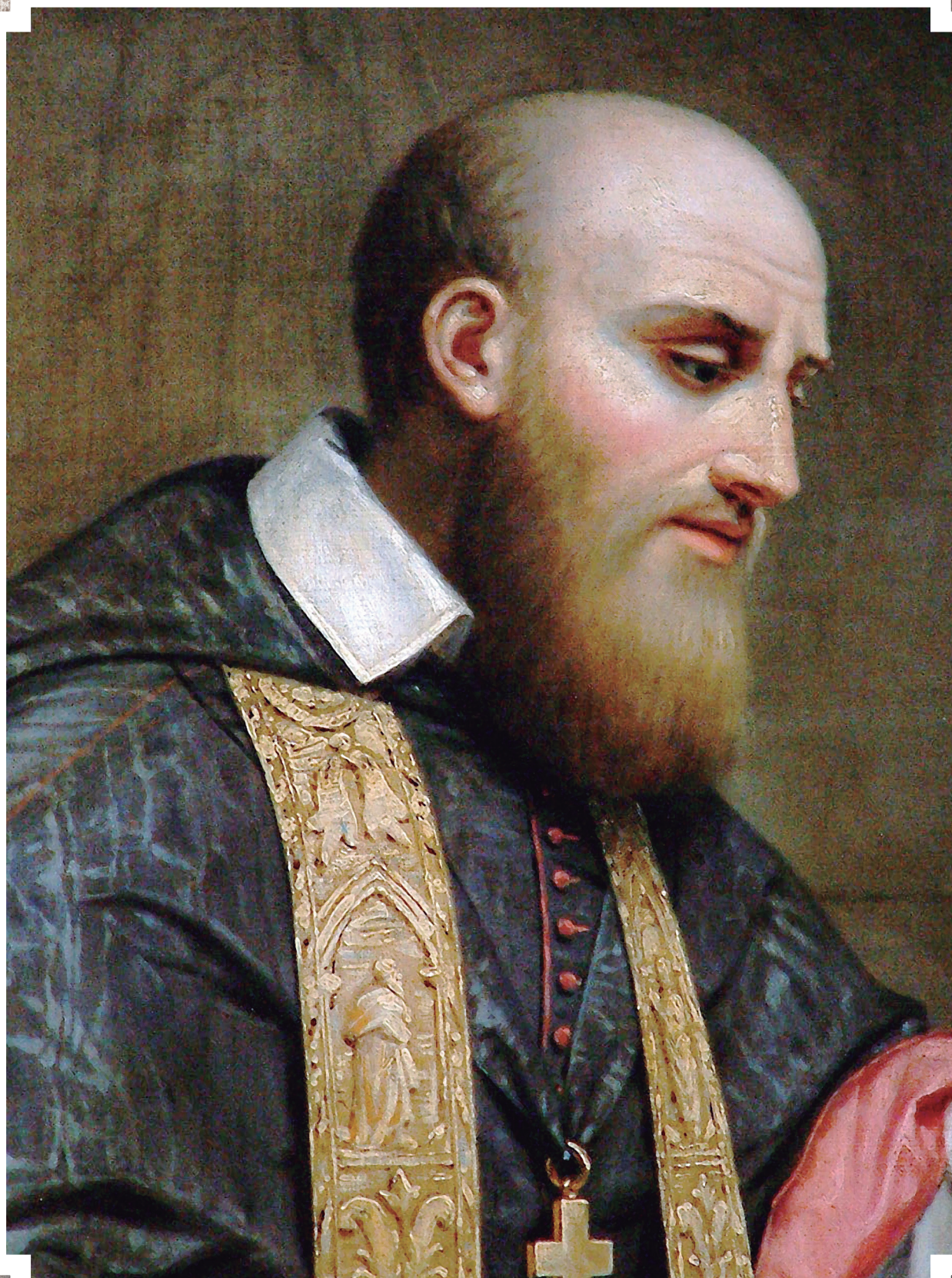
Assim, pela Graça do Sacramento, os esposos cristãos recebem a força do Espírito Santo, – Espírito de amor, Espírito da definitiva Aliança, – para se amarem como Cristo e sua Igreja se amam; sendo, em suas vidas, sinal (=Sacramento) deste Amor sagrado.

Fontes e referência bibliográfica:

- COSTA, Henrique Soares da, Bispo. “O Sacramento do Matrimônio”, disponível em: domhenrique.com.br/index.php/sacramentos/matrimonio/202-o-sacramento-do-matrimonio-i acesso 21/2/014
- TABORDA, Francisco. Matrimônio Aliança - Reino, 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- MOSER, Hilário. O Sacramento do Matrimônio: Guia Prático em Perguntas e Respostas. Tubarão: Diocesana de Tubarão, 1999.



ROGAI POR NÓS, SANTO FRANCISCO DE SALES



São Francisco de Sales – 24 de janeiro